





John Bunyan

# O CAMINHO DO PEREGRINO

Tradução de  
Manuel Oliveira

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

A presente edição segue a grafia do novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2017

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *O Caminho do Peregrino*

Título original: *The Pilgrim's Progress*

Autor: John Bunyan

Tradução: Manuel Oliveira

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria Vitorino

Arranjo de capa: Duarte Lázaro / Alma dos Livros

Ilustração de capa: © Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99705-5-7

Depósito legal:

1.<sup>a</sup> edição: junho de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

«Quão mais fácil  
é sair do caminho  
quando estamos nele  
do que alcançá-lo  
depois de o perder.»



## I

### Primeira parte

**E**nquanto caminhava pelo deserto deste mundo, parei num sítio onde havia uma gruta e ali me detive para passar a noite. Assim que adormeci, tive um sonho.

Sonhei que estava um homem coberto de andrajos, de pé, em frente da sua casa, com um livro na mão e tendo sobre os ombros uma pesada carga. Olhei para ele, vi-o abrir o livro e começar a ler. Enquanto lia, chorava e estremezia, até que, não podendo conter-se por mais tempo, soltou um lamento angustiado e perguntou: «O que devo fazer?»

Foi neste estado de espírito que voltou para dentro de casa, cuidando em reprimir o mais possível a sua angústia, para que a mulher e as crianças não percebessem a aflição em que se encontrava. Porém, não se conseguiu manter assim durante muito tempo, e, vendo a sua aflição aumentar, decidiu quebrar o silêncio e partilhar com a esposa e os filhos aquilo que lhe inquietava a mente.

– Querida mulher e queridos filhos do meu coração, eu, que tanto vos quero, sinto-me atormentado por um enorme fardo que carrego. Sei que a nossa cidade será consumida pelo fogo do céu e sei também que, nessa terrível desgraça, todos pereceremos, a menos que encontremos alguma forma de escapar desse destino, algo que, de momento, não consigo entrever.

Ao ouvir estas palavras, a mulher e os filhos ficaram preocupados, não porque julgassem que o que ele lhes acabara de dizer viesse a realizar-se, mas por lhes parecer que de alguma forma o ar noturno tinha-lhe afetado o cérebro. Como já era tarde, tiveram esperança de que o sono e o repouso lhe devolveriam o juízo, e foram dormir. Mas, para ele, a noite foi tão aflitiva como o dia, e, em vez de dormir, passou-a entre lágrimas e suspiros. Por isso, quando a manhã chegou e lhe perguntaram se estava melhor, ele respondeu negativamente, e que, pelo contrário, estava cada vez pior. Continuou a falar-lhes sobre o assunto, mas eles começaram a tratá-lo asperamente. Esperavam, sem dúvida, alcançar por este modo o que a doçura não pudera conseguir: algumas vezes ridicularizavam-no; outras, repreendiam-no; e outras ainda, negligenciavam-no. Assim, começou a passar mais tempo no seu quarto, a orar, a pedir por eles e a compadecer-se da sua própria miséria. Passou também a caminhar sozinho pelos campos, algumas vezes a ler, outras, a orar. E assim se passaram os seus dias durante algum tempo.

Um dia, no entanto, enquanto caminhava pelos campos e ia lendo, como de costume, Cristão – assim se chamava o homem –, sentindo-se mais angustiado do que o habitual,



prostrou-se e perguntou, num lamento: «Que hei de fazer para ser salvo?»

O seu olhar voltava-se de um lado para o outro, como que em busca de um caminho, de uma saída por onde se escapar a correr; mas, não a encontrando, manteve-se imóvel, sem saber para onde se dirigir. Foi então que se aproximou dele um homem chamado Evangelista, e lhe dirigiu a palavra:

– Porque é que estás chorar? – perguntou Evangelista.

– Porque compreendi, ao ler este livro que trago comigo, que estou condenado a morrer, e que, depois, serei julgado, e nem quero morrer, nem estou preparado para comparecer no julgamento final.

– E porque não queres morrer, se esta vida está cheia de tantos males? – indagou Evangelista.

– Porque temo que este pesado fardo que tenho sobre os ombros me faça descer mais fundo do que o sepulcro, e que eu venha a cair no lugar das chamas. E, se não estou pronto para tal cárcere, muito menos para comparecer em julgamento e para receber a sentença. E pensar nestas coisas faz-me chorar – retorquiou Cristão.

– Se estás nesse estado, porque te deixas ficar assim?

– Porque não sei o que hei de fazer nem para onde me dirigir.

– Toma e lê – disse Evangelista, e entregou-lhe um pergaminho no qual estavam escritas estas palavras: «Fugi da ira vindoura.»

Depois de ter lido, Cristão perguntou-lhe:

– E para onde hei de fugir?

– Vês ali aquela porta estreita? – apontou Evangelista, indicando-lhe um campo muito vasto.

- Não vejo.
- Não vês além uma luz a brilhar?
- Penso que sim, parece-me estar a ver qualquer coisa
- respondeu Cristão.
  - Pois mantém-te focado nela e não a percas de vista; vai direito a ela e lá encontrarás a porta; bate, e então saberás o que hás de fazer.

Ao escutar estas palavras, Cristão tomou a decisão de se dirigir àquela porta, e de lá chegar, o mais depressa que conseguisse. Ainda não se tinha afastado muito da sua casa quando a mulher e os filhos, apercebendo-se de que partia, começaram a chorar e a gritar-lhe que regressasse. Mas ele não lhes deu ouvidos e, enquanto corria, dizia «Vida, vida, vida eterna!» E, sem olhar para trás, continuou até ao meio da planície.

Os vizinhos também vieram para a rua e viram-no a correr. Uns zombavam dele, outros ameaçavam-no, e outros ainda gritavam-lhe que voltasse. Entre estes últimos havia dois que se resolveram a ir buscá-lo e trazê-lo à força para casa. Chamavam-se Obstinado e Flexível. Apesar da considerável distância a que se encontrava, os dois vizinhos, redobrando os esforços, conseguiram alcançá-lo.

- Que pretendeis de mim? – perguntou-lhes Cristão.
- Queremos persuadir-te a voltares connosco.
- Isso não vai ser possível – respondeu Cristão. – A vossa morada, o lugar onde eu nasci, é a cidade da Destruição. Segundo parece, se ali permanecerdes, morrereis, cedo ou tarde, e afundar-vos-eis num lugar mais fundo do que o próprio sepulcro, onde arde fogo e enxofre. Por isso, bons vizinhos, animai-vos a vir comigo.

– O que é que estás a dizer? E deixamos para trás os nossos amigos e o nosso conforto? – perguntou-lhe Obstinado.

– Sim – disse Cristão –, porque tudo aquilo a que te estás a referir não é nada em comparação com a mais pequena parte daquilo que eu almejo encontrar. Se me acompanhardes e perseverardes no caminho, obtereis tanto como eu, porque no lugar para onde me dirijo há que baste para todos. Vinde comigo e tereis a prova das minhas palavras.

– Mas que coisas são essas que procuras, que te decidiste a abandonar tudo aquilo que tens no mundo para as encontrares? – interrogou-o Obstinado.

– Procuo uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se nem murchar, reservada com segurança no céu, para ser dada, no devido tempo, aos que a buscam diligentemente. Assim o declara este livro; lede, se quereis, e convencei-vos da verdade.

– Ora, deixa-te lá dessa questão do livro; queres voltar para a tua casa, ou não?

– Não, nem por um instante – disse Cristão –, porque já pus a mão no arado e não pretendo voltar para trás.

– Nesse caso, vizinho Flexível, deixemo-lo partir, e voltemos nós para casa. É um daqueles loucos que, possuídos por uma paixão cega, se julgam mais certos do que qualquer argumento que lhes possa ser apresentado por uma dúzia de homens – sentenciou Obstinado.

– Talvez estejas certo – disse Flexível. – Mas não sejas tão crítico. Se aquilo que ele diz é verdade, sem dúvida que as coisas que busca alcançar são melhores do que aquelas que possuímos. O meu coração sente-se inclinado a acompanhá-lo.

– Então, enlouqueceste também? Ora toma o meu conselho e vem para casa comigo. Sabes lá aonde esse doido seria capaz de te levar. Sê sensato e vem comigo – insistiu Obstinado.

– Deixa-o – disse Cristão. – Flexível, acompanha-me e terás não só as coisas de que já te falei, mas ainda muito mais. Se duvidas daquilo que te estou a dizer, lê-o neste livro, cuja verdade é atestada pelo sangue Daquele que o escreveu.

– Amigo Obstinado – voltou Flexível –, estou prestes a decidir-me. Tenciono seguir com este bom homem e unir a minha sorte à sua. Mas diz-me, Cristão, sabes qual é o caminho que conduz a esse lugar que almejamos?

– Quem me indicou o caminho foi um homem chamado Evangelista. Disse-me que me apressasse a encontrar uma porta estreita, que se encontra ali mais adiante, e onde receberemos mais indicações sobre o caminho que havemos de seguir – respondeu Cristão.

– Então a caminho, bom vizinho – rematou Flexível. E seguiram juntos.

– E eu vou voltar para casa – resmungou Obstinado. – Não seguirei os passos errados e cheios de fantasia destes meus vizinhos.

E enquanto ele voltava para trás, Cristão e Flexível continuaram a caminhar pela planície afora enquanto conversavam:

– Diz-me, amigo Flexível, que tal te sentes? – começou Cristão. – Fico satisfeito por te teres decidido a acompanhar-me. Tivesse o nosso vizinho Obstinado sentido o mesmo poder e terror que eu senti relativamente àquilo que ainda não se revelou, e por certo não se teria apartado de nós tão levemente.

– Explica-me então, meu amigo, agora que estamos sós, que coisas são essas de que me falas, como havemos de as gozar e para onde é que nos dirigimos.

– Tenho mais facilidade em compreendê-las com o entendimento do que em expressá-las por palavras – avançou Cristão. – Os desígnios de Deus são impronunciáveis. Todavia, uma vez que o teu desejo de saber é grande, ler-te-ei a esse respeito do meu livro.

– E tens certeza de que as palavras do livro são verdadeiras?

– Tenho sim, porque foram escritas por Aquele que não pode mentir.

– Então, diz-me, que coisas são essas?

– «Existe um reino infindável para ser habitado, e a vida eterna para nos ser oferecida, e poderemos lá viver para sempre. Ser-nos-ão dadas coroas de glória e vestes tão resplandecentes como o Sol no firmamento. Não haverá ali pranto nem dor, porque o Senhor daquele reino limpará todas as nossas lágrimas.»

– Que quadro belo e magnífico! – respondeu Flexível.  
– E a quem teremos por companheiros?

– Estaremos com os serafins e os querubins, criaturas cujo brilho nos deslumbrará – avançou Cristão. E continuou: – Também encontraremos milhares e milhares que para ali foram antes de nós, sem maldade, amáveis e santos que ali vivem, na presença de Deus, para sempre. Veremos os antigos com as suas coroas de ouro, as santas virgens entoando suaves cânticos ao som das suas harpas de ouro; ali veremos homens que foram esquartejados, queimados, devorados pelas feras, lançados nas profundezas dos mares, pelo amor

que devotam ao Senhor daquele reino; vivendo felizes, revestidos da imortalidade.

– A simples descrição de tais coisas é suficiente para encher de ânimo o coração – comentou Flexível. – Mas também nós haveremos de gozar desses bens? Como faremos para conseguir participar desse júbilo?

– O Senhor desse reino gravou neste livro os requisitos necessários – respondeu Cristão. – A sua substância resume-se a estas palavras: «Se verdadeiramente o desejarmos, Ele no-lo concederá de graça.»

– Muito bem, amigo. O meu coração exulta de alegria ao ouvir essas palavras; continuemos o nosso caminho e apressemos o passo.

– Infelizmente não posso andar tão depressa como desejo, pois o fardo que carrego às costas é pesadíssimo – respondeu-lhe Cristão.

Conversavam nestes termos quando chegaram a um pântano lodoso que havia no meio da planície, onde ambos se meteram por não o terem visto. O nome do pântano era Desespero. Ali ficaram durante um tempo, a remexer-se no lodo, e Cristão, devido ao seu pesado fardo, começou a afundar-se.

– Ah! Caro vizinho, onde é que nós estamos metidos!?

– exclamou Flexível.

– Não faço a menor ideia – respondeu Cristão.

Foi então que Flexível começou a sentir-se indignado, e, com raiva, disse ao companheiro:

– É esta a felicidade de que tens estado a falar? Se a nossa jornada começa de maneira tão aziaga, o que podemos esperar até chegar ao final? Possa eu livrar-me deste pântano e voltarei de novo para a minha vida;

por mim, podes ficar com esse faustoso reino todo só para ti.

Finalmente, com um ou dois gestos desesperados, conseguiu alcançar a margem do pântano por onde tinham vindo e que ficava mais próxima das suas casas. Foi-se embora e Cristão não mais tornou a vê-lo. Ali ficou, sozinho, a debater-se no meio do lodo, enquanto tentava chegar à outra margem, aquela que ficava mais distante do lugar de onde vinham, mas mais próxima da porta estreita; contudo, devido ao pesado fardo que transportava às costas, não conseguia alcançá-la e sair. Foi então que se aproximou dele um homem chamado Auxílio e lhe perguntou o que estava ali a fazer.

– Fui aconselhado a seguir nesta direção por um homem chamado Evangelista, que me disse que aqui encontraria a porta estreita por onde escapar da ira vindoura, e, por isso, cá aqui – respondeu Cristão.

– Mas porque é que não procuraste as pedras que estão ali postas para se atravessar o pântano com mais facilidade? – perguntou-lhe Auxílio.

– O medo perseguia-me tão intensamente que segui o mais rápido que consegui e nem reparei que estava a entrar no lodaçal.

– Dá-me a tua mão.

Cristão estendeu-lhe a sua mão e Auxílio puxou-o para fora e colocou-o em terreno firme. Depois pediu-lhe que o seguisse.

Entretanto, Cristão acercou-se daquele que o tinha salvado e perguntou-lhe:

– Já que este é o caminho que segue da cidade da Destruição até à porta estreita, porque não mandam

arranjar este lugar para que os peregrinos possam seguir com maior comodidade?

Ele respondeu-lhe:

– Este lugar não pode ser melhorado. É o lodaçal aonde afluem continuamente todas as impurezas e sujidades daqueles que estão convictos do pecado; por isso se chama «Pântano do Desespero». Sempre que um pecador desperta e toma conhecimento do seu estado de perdição, surgem-lhe na alma muitas dúvidas, medos e apreensões desconsoladoras que se juntam e se condensam neste lugar. Eis a razão pela qual está em tão mau estado e é impossível de ser melhorado.

»Não é por vontade do rei que este lugar permanece em tão mau estado. Os seus trabalhadores têm, por ordem de Sua Majestade, e sob a direção dos seus intendentos, durante muitos séculos, envidado todos os seus esforços para o melhorarem. São incalculáveis o número de provimentos e os milhares de instruções precisas que aqui foram despendidos em todas as épocas e vindos de todas as partes dos domínios de Sua Majestade, e, pode dizer-se, foram utilizados os melhores materiais para melhorar este terreno. Caso tivesse resultado, este lugar seria diferente. Porém, continua a ser o Pântano do Desespero, e sê-lo-á enquanto eles continuarem a proceder dessa maneira.

»É certo que existem, por ordem do Legislador, certas pedras fortes e sólidas, colocadas ao longo do lodo e que facilitam a passagem, mas a imundície e a sujidade é imensa, e aumenta sempre que acontece uma mudança de tempo, e são exalados vapores que tolhem os peregrinos e os fazem cair no lodo, sem que vejam as pedras, não



obstante elas se encontrarem lá. Mas, quando conseguem alcançar a porta, já encontram terreno bom e firme.

Entretanto, Flexível chegou à sua casa e os vizinhos vieram visitá-lo. Alguns chamaram-lhe «sábio», por ter regressado; outros chamaram-lhe «tolo», por se haver deixado iludir por Cristão, e alguns chamaram-lhe «cobarde», porque, uma vez no caminho, não deveria ter retrocedido apenas pelo facto de se lhe haverem levantado umas pequenas dificuldades. Flexível sentiu-se abatido e envergonhado, mas depois recuperou a confiança, e, no final, todos juntos e em coro escarneceram de Cristão. E é tudo no que diz respeito a Flexível.

Agora que caminhava sozinho, Cristão viu ao longe um homem vir ao seu encontro através da planície, e aconteceu que se encontraram precisamente no sítio onde os seus caminhos se cruzavam. O homem com o qual se encontrou chamava-se Sábio-Segundo-o-Mundo e habitava numa grande cidade chamada Prudência Terrena, situada a pouca distância da cidade da Destruição. Ele já tinha ouvido falar de Cristão, pois a sua partida da cidade da Destruição tornara-se tema de conversa, não só na sua terra natal, mas também noutras cidades. Sábio-Segundo-o-Mundo, sabendo já um pouco a respeito de Cristão e da sua partida laboriosa, ao ver os seus gemidos e suspiros, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

– Saudações, companheiro! Aonde vais com esse fardo tão pesado?

– Dizes bem. É tão pesado que nunca pessoa alguma carregou um peso assim. Dirijo-me à porta estreita que

está ali à frente, porque, segundo me disseram, lá serei informado do modo de me ver livre deste fardo.

– Tens mulher e filhos?

– Tenho; mas este fardo aflige-me tanto que já não sinto o prazer da sua companhia, e é como se não os tivesse.

– Permites-me que te aconselhe? – perguntou Sábio-Segundo-o-Mundo.

– Se forem bons conselhos, claro que sim, pois estou a precisar de bons conselhos – respondeu-lhe Cristão.

– Em primeiro lugar – começou Sábio-Segundo-o-Mundo –, aconselho-te a que te desfaças desse fardo o mais depressa possível. Enquanto não o fizeres, a tua alma não estará tranquila, e não poderás gozar, como deves, das bênçãos que o Senhor derramou sobre ti.

– É disso mesmo que eu estou à procura, mas, visto ser-me impossível fazê-lo por mim e não existir no nosso país nenhum homem capaz de o tirar dos meus ombros, decidi empreender esta viagem, tal como te disse, para que finalmente me possa ver livre dele.

– Quem te aconselhou a seguir este caminho?

– Alguém que conheci e que me pareceu bastante digno de respeito e de consideração. Tanto quanto me lembro, o seu nome era Evangelista.

– Maldito seja quem dá tais conselhos! Não há caminho mais difícil e perigoso no mundo do que este que ele te indicou. Vais perceber isso se o seguires. Vejo que já começaste a percebê-lo, pois estás cheio de lodo do Pântano do Desespero. E olha que essa não é senão a primeira das preocupações que esperam por ti nesse caminho. Ouve-me, que tenho mais idade do que tu e tenho escutado muitos testemunhos a respeito desse caminho. Nessa direção só

há fadigas, penas, fome, perigos, nudez, guerra, leões, dragões, trevas, em suma, a morte com todos os seus horrores. Diz-me porque se há de perder tão descuidadamente um homem por dar ouvidos a um estranho?

– Porque o fardo que carrego às costas é bem mais terrível do que todos os males que acabas de mencionar. Não me preocupa tudo aquilo que posso encontrar pelo caminho, desde que em troca me consiga ver livre deste fardo.

– E desde quando começaste a carregar esse fardo?

– Desde que passei a ler este livro que trago na mão.

– Bem me quis parecer – disse Sábio-Segundo-o-Mundo. – És um desses tolos que se metem em assuntos demasiado elevados e que por fim encontram tantas dificuldades que se perdem em distrações vãs e se deixam arrastar em empresas desesperadas para alcançar algo que nem sequer sabem bem o que é.

– Quanto a mim – respondeu-lhe Cristão –, sei perfeitamente o que quero: ver-me livre deste pesado fardo.

– Compreendo o que dizes. Mas porque haverás tu de ir por um caminho tão perigoso? Especialmente porque, se tiveres um pouco de paciência, eu posso indicar-te outro em que não há nenhuma dessas dificuldades. O meu remédio está à mão, e, permite-me acrescentar, em vez desses perigos, encontrarás segurança, amizade e contentamento.

– Fala-me, então, e revela-me o teu segredo.

– Repara: numa aldeia próxima, que se chama Moralidade, vive um homem de muito juízo e grande reputação, que se chama Legalidade. Esse homem é muito hábil a ajudar pessoas como tu, carregadas com um pesado fardo, e, tanto quanto sei, tem feito um grande trabalho

nesse sentido; além disso, também consegue curar aqueles que têm a mente perturbada por causa desse fardo. Deves dirigir-te até lá. A casa dele não fica a mais de um quilômetro e meio de distância daqui, e, se ele não estiver em casa, o seu filho, Civilidade, que é um jovem de grande talento, poderá servir-te tão bem como o pai. Não deixes de lá ir. E, se não estás disposto, como não deves estar, a voltar à tua cidade, diz à tua mulher e aos teus filhos que venham ter contigo, porque ali há muitas casas vazias, e facilmente arranjas uma de boa qualidade por um preço favorável. Também as provisões se encontram com facilidade, têm qualidade e um bom preço. E, o que tornará a tua vida certamente mais feliz, lá encontrarás vizinhos honestos, de fino trato e bons costumes.

Ao ouvir estas palavras, Cristão ficou indeciso durante alguns momentos, mas logo concluiu que, se aquilo que acabara de ouvir era verdade, mandava a prudência que seguisse o conselho daquele homem.

– Por onde me dirijo? – perguntou Cristão.

– Vês aquela montanha ali adiante?

– Sim, vejo.

– Assim que a ultrapassares, a primeira casa que encontrares é a dele.

Então Cristão saiu do seu caminho para se dirigir à casa de Legalidade e pedir-lhe auxílio; porém, quando já tinha subido o bastante, ao ver a casa tão elevada, numa zona tão escarpada, e o sítio por onde tinha de passar para lá chegar, teve medo de prosseguir, e temeu que a montanha desabasse sobre a sua cabeça. E parou, sem saber o que fazer. Sentiu, mais do que nunca, o peso do seu fardo. Ao mesmo tempo, surgiram fortes relâmpagos, e Cristão

receu que os raios o queimassem. Assaltaram-no grandes temores e estremeceu de terror.

*Quando os homens dão ouvidos aos homens, afastam-se do caminho que devem seguir e pagam por isso. Aquele que é sábio segundo o mundo não pode mostrar àquele que é santo senão o caminho da perdição.*

E então começou a arrepender-se de haver feito caso dos conselhos de Sábio-Segundo-o-Mundo. E, nisto, viu Evangelista, que se aproximava. Ao vê-lo, Cristão estremeceu de vergonha. À medida que se aproximava, fitava-o com um olhar severo e assustador.

– Que fazes aqui? – perguntou-lhe Evangelista. – Cristão não soube o que lhe responder. Por isso permaneceu calado diante dele. – Não foi a ti que eu encontrei em desespero fora dos muros da cidade da Destruição?

– Sim, senhor, fui eu – anuiu Cristão.

– E não te indiquei o caminho para a porta estreita?

– Sim, senhor.

– Então como te afastaste tão depressa do caminho que te ensinei? – indagou Evangelista.

– Assim que passei o Pântano do Desespero, encontrei um homem que me persuadiu de que aqui perto encontraria alguém que me livraria do meu fardo.

– Quem era ele?

– Era um homem bem-parecido, e disse-me tantas e tão boas coisas que eu cedi e vim até aqui; mas, quando me aproximei da montanha e vi uma escarpa tão alta e tão a prumo sobre a estrada, parei subitamente, temendo que ela desabasse sobre mim.

– O que é que ele te disse?

– Perguntou-me para onde eu ia, e eu respondi-lhe com a maior sinceridade. Depois quis saber também se eu tinha família, e eu respondi-lhe, acrescentando, porém, que este fardo me impedia de encontrar nela o prazer de outrora. E então ele disse-me que era preciso livrar-me, quanto antes, desse tormento, e que, em vez de me dirigir à porta estreita e esperar que me indicassem a maneira de alcançar esse árduo desejo, deveria seguir por uma estrada mais direita e melhor, com menos dificuldades do que aquelas que se encontram no caminho que me indicaste. Se caminhasse na direção que ele me indicou, chegaria em pouco tempo à casa de um homem muito entendido em afastar pesados fardos, e eu acreditei. E assim abandonei a estrada que me havias indicado e segui por esta, mas quando cheguei aqui, a este lugar em que nos encontramos, tive medo, fiquei indeciso e sem saber o que fazer.

– Detém-te um momento e ouve as palavras de Deus – disse-lhe Evangelista. Cristão escutou-o, de pé, temeroso.

– «Olhai, não desprezeis O que fala; porque se não escaparam aqueles que desprezavam O que lhes falava sobre o mundo, muito menos nós, se desprezarmos O que nos fala do céu.» «O justo viverá da fé; mas, se ele se apartar, não agradará à minha alma.»

E aplicando estas palavras a Cristão, disse:

– Esse homem que se ia precipitando na ruína eras tu. Começaste a pôr de parte o conselho do Altíssimo e a retirar o teu pé do caminho da Paz, a ponto de te expores à perdição.